**TÍTULO DO ARTIGO: SUBTÍTULO (se houver)**

Marlucy Veleda Farias\*

Fernanda Rocha da Silva\*\*

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo o esclarecimento à respeito da metodologia ágil extreme programming (XP). Em particular será mostrada as principais características e as práticas desta. Além disso, será feita comparações com uma metodologia tradicional para que possa ficar claro que, assim como todas as metodologias ágeis, o XP é baseado em pessoas e não em processos e planejamentos. Finalmente serão mostradas algumas vantagens e desvantagens do XP.

Palavras-chaves:Metodoogia ágel, Extreme programming.

**ABSTRACT**

This article aims to clarify the agile methodology extreme programming (XP). In particular, the main characteristics and practices of this will be shown. In addition, comparisons will be made with a traditional methodology so that it becomes clear that, like all agile methodologies, XP is based on people rather than on processes and planning. Finally you will be shown some advantages and disadvantages of XP.

Keywords: Agile methodology, Extreme programming.

**1 INTRODUÇÃO**

As metodologias ágeis para desenvolvimento de software são uma resposta às chamadas metodologias pesadas ou tradicionais. Mesmo com a evolução dos computadores, das técnicas e ferramentas nos últimos anos, a produção de software confiável, correto e entregue dentro dos prazos e custos estipulados ainda é muito difícil. Dados de 1995 [1], usando como base 8380 projetos, mostram que apenas 16,2% dos projetos foram entregues respeitando os prazos e os custos e com todas as funcionalidades especificadas. Aproximadamente 31% dos projetos foram cancelados antes de estarem completos e 52,7% foram entregues, porém com prazos maiores, custos maiores ou com menos funcionalidades do que especificado no início do projeto.

A maioria das metodologias ágeis nada possuem de novo [2]. O que as diferencia das metodologias tradicionais são o enfoque e os valores. A idéia das metodologias ágeis é o enfoque nas pessoas e não em processos ou algoritmos. Além disso, existe a preocupação de gastar menos tempo com documentação e mais com a implementação. Uma característica dasmetodologias ágeis é que elas são adaptativas ao invés de serem preditivas. Com isso, elas se adaptam a novos fatores decorrentes do desenvolvimento do projeto, ao invés de procurar analisar previamente tudo o que pode acontecer no decorrer do desenvolvimento.

As metodologias pesadas devem ser aplicadas apenas em situações em que os requisitos do software são estáveis e requisitos futuros são previsíveis. Estas situações são difíceis de serem atingidas, uma vez que os requisitos para o desenvolvimento de um software são mutáveis. Dentre os fatores responsáveis por alterações nos requisitos estão a dinâmica das organizações, as alterações nas leis e as mudanças pedidas pelos stakeholders, que geralmente têm dificuldades em definir o escopo do futuro software.

Dentre as várias metodologias ágeis existentes, as mais conhecidas são a Extreme Programming [3] e a Scrum [4]. No entanto, focaremos em abordar apenas a respeito do XP neste artigo.

**3 FORMATAÇÃO DE ILUSTRAÇÃO**

Sua identificação aparece na parte superior, precedida da palavra designativa, seguida de seu número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábicos, do respectivo título e/ou legenda explicativa. Após a ilustração, na parte inferior, indicar a fonte consultada (elemento obrigatório, mesmo que seja produção do próprio autor). A ilustração deve ser inserida o mais próximo possível do trecho a que se refere (ABNT, 2011).

Figura 1 – Exemplo de figura



Fonte: IBGE (2013)

**4 FORMATAÇÃO DE TABELAS**

De acordo com as Normas de Apresentação Tabular do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1993), tabela é uma forma de apresentação de dados numéricos, que possui a seguinte estrutura:

a) Identificação da tabela;

b) Elementos da tabela.

Agora um exemplo de tabela:

Tabela 1 – Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Item** | Quantidade | **Percentual** |
| Teoria social | 22 | 7,9% |
| Método | 34 | 12,3% |
| Questão | 54 | 19,5% |
| Raciocínio | 124 | 44,8% |
| Método de amostragem | 33 | 11,9% |
| Força | 10 | 3,6% |

Fonte: MAYS (1997, p. 26)

Para construir uma tabela consulte a norma para apresentação tabular do [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1993](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS - RJ/normastabular.pdf)).

**5 INDICATIVO DE SEÇÃO**

O indicativo de seção precede o título, alinhado à esquerda, dele separado por um espaço de caractere.

**6 FONTE**

Conforme a NBR 14724 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2011) deve-se usar a fonte 12 para o texto e para as referências. Para as citações longas, notas de rodapé, paginação, legendas das ilustrações e tabelas, usar tamanho menor, sugerimos tamanho 10. Neste modelo foi utilizado a fonte “Arial”.

**7 CONCLUSÃO**

Parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses.

**ATENÇÃO USUÁRIO! Ao submeter um artigo a uma revista, deve seguir as normas editoriais da revista.**

**Título do artigo: subtítulo (se houver) em língua estrangeira**

**Abstract**

Elementos obrigatório, versão do resumo na língua do texto, para o idioma de divulgação internacional, com as mesmas características (em inglês *Abstract*, em espanhol *Resumen*, em francês *Résumé*, por exemplo)

Palavras-chave em língua estrangeira: Keywords. Palabras clave. Mots-clés.

**Nota(s) explicativa(s)**

A numeração das notas explicativas é feita em algarismo arábico, devendo ser única e consecutiva para cada artigo. Não se inicia a numeração a cada página.

Exemplos:

1 Primeira nota

2 Segunda nota.

3 Terceira nota.

**REFERÊNCIAS**

Indicar aqui todas as referências que foram citadas ao longo do artigo. Seguir as regras para elaboração de referências descritas na **seção 9** do “Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos: conforme normas da ABNT” da Unipampa.

Seguem abaixo alguns modelos mais frequentes de referências:

ALVES, Castro. **Navio negreiro.** [S.l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em: <http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegreiro.htm>. Acesso em: 10 jan. 2002, 16:30:30.

BAILONA, Baltazar Agenor et al. **Análise de tensões em tubulações industriais**: para engenheiros e projetistas. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BRASIL. Decreto-lei nº 2.481, de 3 de outubro de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 126, n. 190, 4 out.1988. Seção 1, parte 1, p. 19291-19292.

CASSOL, Glória Barbosa. Assessoria no Centro de Educação da UFSM: uma atividade dispensável?. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da (Org.). **Práticas, identidade e memória:** 30 anos de Relações Públicas na UFSM. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003. p. 183-190.

CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro: FGV, v. 38, n. 9, set. 1984.

FERREIRA, Paulo Henrique de Oliveira. O jornalismo on line. **Revista de Estudos de Jornalismo,** Campinas, v. 6, n. 1, p. 65-77, jan./jun. 2003.

JONACK, Marco Antonio; MURTA, Cristina Duarte. Limite de capacidade e proteção se servidores em redes gigabit. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE REDES DE COMPUTADORES, 2006, Curitiba. **Anais**... Curitiba: Sociedade Brasileira de Computação, 2006. p. 179-194.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. **Net**, Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <http://www.brazilnet.com.br/contexts/brasilrevistas.htm>. Acesso em: 28 nov. 1998.

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPe, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos**... Recife: UFPe, 1996. Disponível em: <http://www. propesq. ufpe.br/anais/anais/educ/ce04.htm>. Acesso em: 21 jan. 1997.

SIMÕES, Carlos. **Curso de direito do serviço social**. São Paulo: Cortez, 2009. 1 CD-ROM.